

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR NA OBRA “ALMA E CORAÇÃO” DE HYGINO AMANAJÁS

¹ Lídia Maria Corrêa de Figueiredo

² Karla Nazareth Corrêa de Almeida

³ Joaquina Ianca Miranda

⁴ Iza Andrielle Batista Duarte Madeira

¹ Universidade Federal do Pará, Ananindeua, Pará, Brasil, e-mail:

lidiafigueiredo18@gmail.com

² Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil e-mail: kalmeidaufpa@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil, e-mail: joaquinaianca@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil e-mail: iza_abduarte@hotmail.com

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento de Conclusão de Curso, que analisa a obra “Alma e Coração” escrita por Hygino Amanajás no período da Primeira República no Pará. Durante este período se vivenciou diversas mudanças políticas e sociais que acompanhavam o projeto republicano de modernização do país, fundamentado nos ideais de ordem, progresso e civilização. Nesse contexto, a instrução pública tornou-se um dos principais meios para a formação do cidadão republicano, adotando a função de propagar valores morais, cívicos e patrióticos por meio da escola e dos materiais didáticos da época.

Assim, a instrução pública transformou-se em uma estratégia pautada na formação moral e social dos cidadãos, tentando moldar comportamentos considerados adequados ao novo regime político. Entretanto, esse processo também apresentou contradições, pois, apesar do discurso em que a Constituição pregava a igualdade, a cidadania era restrita a apenas uma parcela da população, que eram constituídos apenas por aqueles que tinham em posse certidão de nascimento e título de eleitor, ocasionando um conceito de cidadania desigual e excludente que preservava os privilégios de elites (Damasceno, Santos e Almeida, 2018).

Neste contexto de mudanças e modernização, as reformas educacionais no Pará, a partir do Regulamento de 1890, priorizavam a uniformidade e o caráter patriótico do ensino através de disciplinas como: Cultura Cívica e Cultura Moral. A escola e o livro didático passaram a ser duas forças essenciais de valores das classes dirigentes, funcionando como locais de normatização de condutas e formação disciplinar. A obra de Hygino Amanajás, Alma e Coração, desempenhou um papel importante e essencial nesse processo, buscando criar jovens patriotas com comportamentos virtuosos, obedientes e que tivessem respeito à ordem estabelecida.

Desse modo, o tema selecionado é a história da violência na escola, tendo como objeto de estudo os tipos de violência no contexto escolar presentes na obra didático-literária Alma e Coração, de Hygino Amanajás. Defende-se a hipótese de que a obra apresentada evidencia representações de situações de violência no contexto escolar, manifestadas tanto de forma explícita quanto implícita, presentes no cotidiano escolar.

O problema da pesquisa consiste em compreender como a violência se manifesta no contexto escolar retratado na obra. A investigação é orientada, ainda, pela seguinte questão norteadora: quais formas de violência aparecem na obra didático-literária *Alma e Coração*? Como objetivo geral, busca-se caracterizar os diferentes tipos de manifestações de violência no contexto escolar representado na narrativa literária do livro *Alma e Coração*.

Esse estudo justifica-se pela relevância histórica, social e educacional da violência nas escolas, um problema persistente e de grande impacto na vida escolar de crianças e adolescentes, mas que ainda é, em muitos contextos, pouco discutido de forma aprofundada. A inquietação que motiva origina-se da necessidade de compreender como práticas historicamente naturalizadas contribuíram, e ainda contribuem, para a reprodução dessas dinâmicas no espaço escolar, aspecto que se torna evidente na obra em análise.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza histórica, onde realizamos levantamento, seleção de fontes e o processo de análise das mesmas. Tomada como fonte principal de análise deste trabalho, a obra didática literária *Alma e Coração*, de Hygino Amanajás, foi selecionada a partir de levantamento realizado em ambiente digital nos acervos do Arquivo Público do Estado do Pará, na Seção de Obras Raras da Biblioteca Arthur Vianna. Tendo em vista que,

Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta. Ou seja, a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, e o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa (Pesavento, 1995, p.117)

Nesse sentido, a literatura se define como uma fonte documental privilegiada, por construir um meio eficaz de acontecimentos da época, ao registrar experiências e opiniões frequentemente ausentes nos documentos oficiais. Ao possibilitar o resgate dessa “representação” do mundo, o historiador amplia a compreensão acerca de como os sujeitos, em diferentes temporalidades, perceberam a si mesmos e o meio em que estavam inseridos.

Após a seleção da fonte, procedeu-se a análise minuciosa das fontes citadas, no qual também foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos, dissertações e teses. Que tem o referencial teórico se consolida em autores que discutem: a relação entre história e literatura com o trabalho de Pesavento (1995); a violência em ambientes escolares sob uma perspectiva histórica, sociológica e educacional, com Charlot (2002), Manacorda (2004), Priotto e Bonetti (2009), Miranda (2025); a discussão também dialoga com Damasceno, Santos e Almeida (2018) que contribuem para a compreensão do contexto da Primeira República e a obra de Hygino Amanajás na formação dos cidadãos republicanos; e, Maciel e Rocha (2015) acerca de leituras escolares didáticas pedagógicas na época da Primeira República.

Notas sobre a Violência em contexto Escolar

A violência ocorrida nas escolas configura-se como um fenômeno histórico, social e educacional que atravessa diferentes épocas e contextos, assumindo múltiplas formas e impactando de maneira significativa a trajetória escolar. Miranda (2025), afirma que a

violência sofrida por crianças em ambientes educativos não é um fenômeno recente, mas historicamente construído e legitimado por normas, discursos e práticas institucionais. Embora a escola seja concebida como um espaço de proteção, socialização e construção do conhecimento, ela também se apresenta, em muitos momentos, como um ambiente permeado por práticas e relações marcadas pela violência, seja de forma explícita ou implícita (Miranda, 2025).

No contexto educacional, a violência assume características próprias, relacionadas às relações sociais, culturais e institucionais estabelecidas no interior da escola. Charlot (2002) contribui significativamente para esse debate ao propor uma tipologia que distingue a violência na escola, aquela que ocorre entre os sujeitos que nela convivem; a violência da escola, produzida pela própria instituição por meio de práticas autoritárias, excludentes ou desumanizadoras; e a violência contra a escola, direcionada à instituição enquanto espaço simbólico. Essa perspectiva amplia a compreensão do fenômeno ao evidenciar que a violência ocorrida em ambientes escolares não pode ser atribuída apenas aos estudantes, mas também às formas de organização e funcionamento da própria instituição escolar.

Em um outro estudo, Priotto e Bonetti (2009) destacam que essa violência é um fenômeno multifacetado, resultante da articulação entre fatores internos e externos à escola. Segundo a autora, práticas pedagógicas e disciplinares baseadas na punição e no controle excessivo contribuem para a naturalização da violência no ambiente escolar, reforçando relações hierárquicas e autoritárias. Nesse sentido, a violência assume um caráter institucional, sendo legitimada por normas e discursos historicamente construídos no campo educacional.

Ademais, Manacorda (2004) contribui ao apontar uma reprodução dos valores das classes dominantes, reforçando aos alunos um tipo de aceitação passiva ao sadismo pedagógico. O sadismo pedagógico se desempenhava como um mecanismo disciplinador, voltado à formação de indivíduos predispostos a obedecer à autoridade sem questionamentos por meio de castigos. Portanto, o autor conceitua que desde o início da história da pedagogia, criou-se dentro da escola uma relação de professores e alunos caracterizada por práticas e relações autoritárias e opressoras, onde práticas que causavam castigos e punições eram usadas para assegurar ordem e disciplina nesse âmbito.

A violência no contexto escolar na obra “Alma e Coração”

Conforme apontam Maciel e Rocha (2015), o livro Alma e Coração estava alinhado ao objetivo de construir uma concepção coletiva que reforçava uma ordem social estruturada que deveria ser seguida sem questionamentos. Assim, o ambiente escolar paraense configurava-se como um aparato de controle social, onde o civismo era tratado como uma dívida emocional e afetiva para com a pátria e a República (Maciel e Rocha, 2015). Nesse sentido, a análise desses materiais didáticos revela não apenas suas intencionalidades pedagógicas, mas também os sujeitos envolvidos em sua produção e difusão, permitindo compreender como tais ideias foram sistematizadas e incorporadas ao projeto educacional republicano. É nesse contexto que se insere a trajetória de Hygino Amanajás e sua contribuição para a literatura escolar da época.

Hygino Amanajás nasceu em 15/02/1852 na cidade de Abaetetuba, no estado do Pará, faleceu em 17/01/1921 (Maciel, Rocha, 2015). Destaca-se como autor de obras escolares voltadas ao ensino primário, entre elas o livro Alma e Coração, cuja 2ª edição foi publicada em 1905 pela Typ. Imprensa Official. A obra apresenta uma abordagem educativa voltada à formação moral e cívica das crianças, estando de acordo com os ideais republicanos presentes no contexto

educacional da época. Conforme a análise do conteúdo do livro, observa-se que ele reúne lições que pontuam valores como obediência, respeito, amor, bondade, dedicação aos estudos e controle dos comportamentos, evidenciando uma preocupação com a formação do caráter patriota e das atitudes dos alunos.

Tais fatores demonstram que a obra não se limitava ao ensino da leitura, mas atuava como um instrumento de formação moral e social. Além disso, o livro apresenta narrativas que aproximam o conteúdo da realidade dos alunos, como descrições da cidade de Belém e reflexões sobre acontecimentos históricos, promovendo uma construção de uma identidade social e cultural alinhada ao contexto republicano. Nesse sentido, o livro didático literário, *Alma e Coração*, pode ser entendido como um material que articula ensino, moral e civismo, reforçando os valores considerados essenciais para a formação das novas gerações.

Na obra *Alma e Coração*, a escola é representada como o cenário onde a violência se manifestou em múltiplas dimensões, indo além do castigo institucional para abranger a humilhação entre pares em suas formas mais sutis. Nesse cenário, é retratado que Ernesto é o primeiro personagem a sofrer um tipo violência, o aluno novato que na trama migra da roça para a capital para estudar, é precocemente submetido ao constrangimento, enfrentando o "sorriso do motejo e do escarneo"¹ que se classifica como insultos verbais pautados em preconceito social, sendo estigmatizado como um "roceiro atrapalhado" (Amanajás, 1905).

Essa estrutura reflete que o ambiente escolar da época não era apenas um local de instrução, mas um espaço que reproduzia as hierarquias e preconceitos da sociedade. Em resumo, embora pautasse conceitos de igualdade, ainda lidavam com conflitos morais e sociais sobre a identidade, no qual o colega de classe de Ernesto tentava se afirmar através da humilhação com o adjetivo pejorativo "roceiro", buscando afirmar uma superioridade por residir em uma área urbana através da humilhação. Essas situações evidenciam que no contexto paraense, o processo educativo estava intrinsecamente ligado à normatização de condutas e a hierarquia social, que tinham a presença da violência no cotidiano escolar, sendo frequentemente compreendidas a partir de um código de moralidade dual, fundamentado nas noções socialmente construídas de certo e errado.

Conclusões

A análise da obra *Alma e Coração*, de Hygino Amanajás, permitiu compreender que as manifestações de violência no contexto escolar ultrapassavam práticas pontuais de punições institucionais, configurando-se como elementos estruturantes das relações sociais vivenciadas no interior da escola. Nota-se, que a escola é representada como um espaço em que existem diferentes formas de violência: institucionais, físicas, morais e simbólicas em que se articulavam e se reproduziam cotidianamente, tanto nas relações entre professores e alunos quanto entre os próprios alunos. Nesse sentido, a experiência do personagem Ernesto revela-se problemática, ao explicitar como o ingresso de um aluno vindo do meio rural desencadeia processos de estigmatização e exclusão, por meio de insultos, humilhações e práticas de escárnio fundamentadas em preconceitos sociais. Além disso, a normatização de condutas e a

¹ Expressão utilizada por Amanajás (1905) para designar um sorriso carregado de ironia e zombaria (motejo). O termo sugere, ainda, o uso do escarneo, caracterizado por um riso de desprezo ou desdém em relação ao outro (Ernesto).

formação moral dos indivíduos eram atravessadas por concepções dualistas de certo e errado, socialmente construídas.

Diante disso, conclui-se que a obra analisada, ao mesmo tempo em que se propaga um projeto de formação alinhado aos ideais de modernização e de igualdade na sociedade Republicana, revela as tensões e contradições desse processo, ao expor a permanência de práticas excludentes e violentas no interior da escola. Por fim, a análise da obra *Alma e Coração* permitem acessar essa complexidade do meio social dentro do contexto escolar frequentemente ausentes em documentos oficiais, tornando possível problematizar as raízes históricas da violência escolar e refletir criticamente sobre suas permanências e ressignificações no contexto educacional contemporâneo, contribuindo, assim, para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e conscientes das desigualdades historicamente produzidas.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Literatura; Violência escolar; Hygino Amanajás; Primeira República.

Referências

AMANAJÁS, Hygino. **Alma e Coração**. 5. ed. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1905.

COELHO, M. O. (2011). **Um livro proveitoso para a mocidade estudiosa da Belém do Pará no começo do século XX: alma e coração**. In Anais do 6º Congresso Brasileiro de História da Educação (p. 1-10). Vitória, ES. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/pYDSk6kZYLQqkvBFFGtVQFM/?format=pdf&lang=pt>

CHARLOT, Bernado. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, n. 8, pág. 432-443, 2002.

DAMASCENO, Raimundo Alberto de Figueiredo; SANTOS, Emina Márcia Nery dos; ALMEIDA, Karla Nazareth Corrêa de. **Povo civilizado e cidadãos de um país livre: república, educação e cidadania nas prescrições didático-cívicas de Hygino Amanajás**. Revista Brasileira de História da Educação, v. 18, 2018.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; ROCHA, Kátia Gardênia Henrique da. **Hygino Amanajás e sua produção de livros de leituras escolares para o ensino primário: fragmentos da história da leitura no Pará**. Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, v. 1, n. 1, p. 48-67, 2015.

MIRANDA, Joaquina Ianca dos Santos. **“Outros castigos que causem constrangimento, menos os corporaes”: a concepção normativa de violência na instrução pública de crianças da Província do Grão-Pará (1870-1873)**. 2025. 132 f. Dissertação (Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2025

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX)**. Anos 90, Porto Alegre, n. 4, p. 115-127, dez. 1995.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009.